

O Significado da Teologia atual para o trabalho da Juventude Cristã

por Werner Jentsch

Teologia e trabalho da juventude parecem ser dois extremos como fogo e água, e aparentemente sob hipótese alguma se harmonizam. Mas já esta figura é inadequada, pois bastaria perguntar: Qual dos dois seria o fogo e qual a água? Em casos duvidosos recorre-se aos poetas: "Fausto" de Goethe lamenta: "Ai de mim! da filosofia... / E mísero eu! da teologia, / O estudo fiz, com máxima insistência. / Pobre simplório, aqui estou / E sábio como dantes sou!" (tradução cf. Jenny Klabin Segall). A teologia parece ser um enigma. O mesmo acontece com o trabalho da juventude, que dá tanta dor de cabeça ao pastor nos "contos de fada hibernais" de Shakespeare: "Eu desejaria que não existisse idade entre os dez e vinte e três, ou que os jovens passassem todo o tempo dormindo." A relação entre a teologia e o trabalho da juventude, portanto, é aparentemente o "irracional", ou como queiram defini-la, em todo caso permanece o fato de que ambos causam fortes dores de cabeça. Mas esta constatação ainda não nos satisfaz.

A relação entre a teologia e o trabalho da juventude deve ser determinada mais profundamente. Perguntemos pela verdadeira intenção dos respectivos campos, obtendo já desta forma um quadro essencialmente diferente: *Teologia* é a constante autocrítica por parte dos cristãos. Ela é, por assim dizer, o "sal da igreja"; é a fé transformada em raciocínio, que quer servir à comunidade. Teologia não existe para si mesma, mas para os outros, inclusive e especialmente para jovens e para aqueles que trabalham no campo educacional. Trabalho de juventude inclusive pode vir a ser um teste para a credibilidade duma teologia. O *trabalho da juventude*, por outro lado, não é somente uma técnica pedagógica por parte de pessoas que procuram facilmente dar conta dos adolescentes. Pois, quem trabalha com crianças ou com jovens adultos, está lidando com pessoas que lhe entregam toda a sua confiança; êle poderá decepcioná-los até à morte ou ajudá-los decididamente para a vida. Líderes jovens podem tornar-se realizados, mas também podem tornar-se completamente frustrados. Difícilmente qualquer outra culpa clama tanto por perdão como a da educação! Em outras palavras: trabalho da juventude, tanto mundano como cristão, tanto escolar como eclesiástico, pode tornar-se um autêntico problema teológico.

Nesse sentido a teologia e o trabalho da juventude situam-se numa relação de complementação. Há mais de cem anos o mo-

vimento ecumênico da geração nova (unida na Federação Mundial do YMCA) está cômso dêste fato. Não obstante ser fundamentalmente um movimento cristão de leigos, procurou sempre dialogar com a teologia eclesiástica. Resistia a ela, quando se distanciava do evangelho; estava disposta a aprender algo dela, quando a mesma colaborava no serviço cristão para com a juventude. Ainda hoje isso acontece quando se fala da assim chamada "teologia moderna" em todo mundo e em tôdas as confissões. É discutida também pelos católicos e ortodoxos, apesar de ser ela de origem protestante.

Que tem ela a dizer para a prática do nosso trabalho da juventude? Como podemos obter proveito dos seus resultados?

I— TRAÇOS BÁSICOS DA TEOLOGIA ATUAL

A influência dos três astros no céu teológico, ou seja, a influência de Barth, Bonhoeffer e Bultmann (os três grandes "Bs"), apesar de várias diferenças nos seus sistemas em pormenores, determinou o pensamento teológico da geração mais nova (pelo menos na Europa). Por isso o termo "teologia européia" ou "teologia atual" é relativamente justificável. Por outro lado corre-se naturalmente o perigo em desnecessariamente generalizar uma decisão muito complexa por meio de um único termo teológico. Teólogos modernos naturalmente são também os não — bultmanianos como Niebuhr, Tillich, Gollwitzer e outros. Hoje, no entanto, considera-se como "teologia moderna", no sentido mais restrito da palavra, somente Bultmann e sua escola (apesar de que essa novamente apresente diversas correntes!). Mas ao mesmo tempo qualquer perito sabe que somente é possível de entender o "moderno" em Bultmann, tomando em consideração o sistema de Barth e a concepção de Bonhoeffer; pois ambos, cada um à sua maneira, contribuíram decisivamente no surgimento e desenvolvimento do "pensamento teológico moderno". Em outras palavras: O termo "teologia moderna" é infeliz e dá lugar a uma interpretação ambígua. Deveria ser usado entre aspas (teologia "moderna") ou deveria falar-se mais despreziosamente e de uma forma neutra em "teologia atual".

A nova fase da teologia protestante tem o seu *motivo* tanto numa crise intelectual generalizada como também num acontecimento intelectual específico, ou seja, a redescoberta da herança cristã. Durante e após a primeira guerra mundial deram-se vários acontecimentos no palco europeu: é publicado "Untergang des Abendlandes" de Spengler; em 1922 R. M. Rilke escreveu o seu "Duineser Elegieen" e J. Joyce seu "Ulysses", S. Eliot seu "Wuestes Land" e M. Proust seu "Suche nach der verlorenen Zeit". M. Heidegger trabalha no seu "Sein und Zeit". Ao mesmo tempo efetuam-se certas transformações na igreja. Após a revolução alemã de 1919 a igreja sofreu uma grande perda na sua influência política, conquistando conseqüentemente, porém, campo e tempo para a renovação espiritual. A redescoberta da Reforma (1917) e do cristianismo primitivo (Schlatter) levou para uma assim chama-

da “Renascença de Lutero” (Holl) e para uma “teologia bíblica” de K Heim. O surgimento do socialismo obrigou a igreja novamente a um exame da sua própria posição e a uma auto-reflexão. Apesar de que o estado totalitário intencionasse notoriamente uma subjugação das forças cristãs, essa tentativa tornou-se um desafio inesperado para a igreja e a teologia. A resposta consistiu na “Igreja Militante” e na sua “Declaração de Barmen”. Não por último a segunda guerra mundial e a época pós-guerra atrás do arame farpado criaram uma espécie de penitência intelectual e renascimento teológico numa sociedade secularizada; isto aconteceu apesar ou talvez até como consequência das trágicas circunstâncias de então.

Em que consistem os pensamentos principais desta nova teologia? Podemos expô-la em três aspectos fundamentais, levando também em conta as diversas variações entre os diferentes sistemas teológicos e seus respectivos sistemas terminológicos:

1.º — A *Karl Barth* cabe, sem dúvida, o papel preponderante, ao menos do ponto de vista histórico. Com uma unilateralidade quase que profética K. Barth chamou a atenção dos seus contemporâneos quanto à diferença qualitativa de tempo e eternidade (Kierkegaard). Também em círculos luteranos (P. Althaus) esta intenção fundamental de Barth encontrou um eco muito grato, apesar de que os círculos luteranos rejeitassem a doutrina calvinista de Barth do “*finitum non capax infiniti*” respectivamente a sua comparação da Revelação com uma “tangente” que somente tange o círculo, ou a sua denominação da fé como um “vazio” (Hohlraum) respectivamente o esvaziamento do conceito da Revelação. Passagens bíblicas como Os 11:9: “Eu, Javé, sou Deus e não homem” ou Ec 5:2 (Bíblia Hebraica: 5:2): “Deus está no céu e tu na terra” tornaram-se bandeiras da “teologia dialética”. Aqui há uma certa unanimidade por parte de todos os teólogos europeus de hoje: ninguém negará a grande importância espiritual da antropologia cristológica de Barth, principalmente na sua interpretação do homem como o próximo. Isto permanece mesmo que se queira atacar o cristomonismo de Barth, que parte da analogia da fé, ou a dissolução da tensão de lei e evangelho, ou mesmo que denominemos corretamente a sua crítica à cultura um estreitamento teológico e um formalismo.

2.º — *Dietrich Bonhoeffer* certamente não pode concorrer com o grandioso trabalho científico de Barth — o assassinato do jovem Bonhoeffer (39 anos de idade) pela Gestapo no campo de concentração de Flossenburg impediu-o no desdobramento do seu sistema e, no entanto, foi exatamente êle que deu impulsos novos e essenciais para a teologia moderna após a segunda guerra mundial. Seus *Essays* sobre a “*Nachfolge*” e as suas cartas escritas na prisão de Berlin-Tegel permanecem inesquecíveis. Iniciou com uma sociologia eclesiástica (“*Communio sanctorum*”) e incentivou frutiferamente o pensamento dogmático com as suas diretrizes fundamentais da sua “ética”. A tese da “pregação não-religiosa de textos bíblicos” de Bonhoeffer, esboçada na prisão ainda pou-

co antes da sua morte, atijou decididamente (não levando em conta a análise do mundo moderno por parte de Gogarten) a discussão sôbre a "secularização" no bom sentido da palavra (em contraposição à palavra "secularismo" no mau sentido da palavra). Essa discussão encontramos hoje em tôdas as confissões. Bonhoeffer tomou a sério a maturidade humana ("muendige Welt"). Diz certa vez: "Quero chegar até ao ponto em que realmente não façamos mais do homem um ser 'bichado' na sua mundanidade, mas sim, que o homem seja confrontado com Deus na sua parte mais forte". A teologia de Bonhoeffer é por assim dizer, uma sinfonia inacabada. Também não pode defender-se contra a sua própria interpretação. Uma série de seus pensamentos continuam a ser perguntas abertas. Devemos entendê-lo como representante da experiência teológica conquistada no "Terceiro Reich"; sendo que nisso consistem a sua fôrça e também o seu limite. Justamente assim Bonhoeffer evidenciou-se como evtraordinariamente frutífero para a situação religiosa na era pós-cristã no ocidente.

3.º — Finalmente deve ser mencionado *Rudolf Bultmann* e a sua escola. Atualmente é êle o mais discutido dos três, porém, tanto mais influente na nova geração teológica. Isso deve ser dito, apesar de que os seus discípulos já terem ido além do seu mestre, como p. ex. E. Kaesemann e G. Bornkamm, perguntando novamente pelo "Jesus histórico". Bem, seja qual fôr a opinião sôbre o sentido e limite da "interpretação existencial" e da "demitologização" cabe, sem dúvida, ao erudito de Marburg o mérito de ter chegado a duas compreensões fundamentais: a) não se trata no Nôvo Testamento de uma coleção de relatórios genuinamente "históricos" (no sentido mais restrito da palavra), mas sim, de um testemunho vivo do Cristo vivo, uma comunicação existencial da existência de Deus, i.e. "quérigma"; b) exatamente êste testemunho visa algo de extremamente importante, ou seja, ajudar ao homem na sua "auto-compreensão" e colocá-lo diante de uma decisão. O quérigma apela à fé; êle visa sômente a fé. Podem tecer-se críticas decisivas a Bultmann, como p.ex. a desvalorização dos fatos salvíficos ou a superestimação do sujeito; realmente, a antropologização, o existencialismo e o escatologismo são pontos nevrálgicos da sua teologia. Mas todo o teólogo de hoje aprendeu dêle. Mesmo o crítico mais acerbo deve admitir que sem um esclarecimento anterior das questões hermenêuticas fundamentais não se pode compreender nem pregar o evangelho. Por isso o bultmanismo da segunda geração desenvolveu-se mais e mais no sentido de uma palavra-evento. Tais formulações podem auxiliar até certo ponto. Ao mesmo tempo se tornam parigostas quando usadas errôneamente como chavões para um verbalismo vazio de caráter teológico. Já agora surgiu entre a geração mais nova uma corrente contrária que, sem dúvida, aprendeu de Bultmann, mas que ao mesmo tempo procura vencer a sua unilateralidade; citemos pelo menos dois nomes: Wolfhart Pannenberg, que novamente toma a sério o aspecto histórico (= geschichtlich) da Revelação, e Juergen Moltmann, que delineou uma nova "teologia da esperança".

Os pensamentos fundamentais da teologia européia, portanto, podem ser resumidos da seguinte forma:

1.º — O caráter temporal do tempo e o caráter senhoril do Senhor Cristo (respectivamente a divindade de Deus) em Karl Barth.

2.º — O caráter eclesiástico da “ecclesia” (o caráter comunal da comunhão dos santos) e o caráter mundano do mundo em Dietrich Bonhoeffer.

3.º — O caráter verbal do verbo e o caráter humano do homem em Rudolf Bultmann.

O fato de citarmos apenas êstes três nomes e aspectos não deve significar uma redução da questão em pauta. Pelo contrário, a concentração (Barth), a secularização (Bonhoeffer) e a existencialização (Bultmann) da mensagem cristã, as quais tentamos analisar, caracterizam exatamente a situação teológica na Europa atual; são os pontos característicos de uma teologia “moderna” no sentido mais amplo da palavra, ou melhor dito, da teologia atual na compreensão européia. Eu sou da opinião que a teologia não pode voltar atrás destas três novas correntes: da margem ao centro (Barth), da igreja ao mundo (Bonhoeffer) e da palavra ao homem (Bultmann). Nossa única possibilidade consiste em aprendermos dêstes teólogos e ir além no sentido de uma crítica construtiva. Neste meio tempo prosseguiu a discussão além do continente europeu, principalmente na Grã Bretanha, na América do Norte e na América do Sul, na Índia e no Japão. Promissor é o fato de que há pensadores de caráter criador que talvez nos possam ajudar a darmos os próximos passos para o amanhã, p.ex. Paul Tillich, o intermediário genial entre teologia e filosofia; o seu pensamento da “correlação” tem a aparência de um capital congelado à espera de ser descoberto. Helmut Thielicke seria outro exemplo capaz de contribuir na solução dos problemas na sociedade e na vida particular por meio da sua “ética de situação”.

II — DEDUÇÕES PARA O TRABALHO DA JUVENTUDE CRISTÃ

Após um breve estudo sôbre os aspectos fundamentais da teologia atual deve-se examinar o valor dêstes reconhecimentos para o programa e o trabalho prático da juventude cristã. Para tanto perguntamos pelo centro, local, objeto e causa dêste trabalho.

1.º — *O centro do trabalho*

a) *O essencial*: O trabalho da juventude cristã oferece normalmente um quadro multilateral. Como a vida apresenta muitos aspectos, assim também a juventude que é a personificação da vida; ela carece de um programa dinâmico e complexo, caso se queira corresponder a seus muitos interêsses e problemas. Surge então a pergunta pelo acento principal de um serviço da juventude cristã; que é o “essencial” nisso? Uma teologia como a de K. Barth responderia de imediato que essencial é Deus. Realmente a “questão de Deus” deveria ser o ponto principal na ordem do dia dentro de uma YMCA ou de um grupo de juventude da igreja. Aquilo

que o homem considera indispensável, apesar de ser importante não pode ser considerado aqui (quanto ao seu valor dentro do plano de um trabalho de uma juventude cristã ainda trataremos a seguir). Serviço social também é realizado pela cruz vermelha e sindicatos, atividades também cabem ao trabalho de escoteiros, serviços de retiros e de férias são oferecidos por administrações municipais maiores. Tudo isso pertence também a um grupo de juventude bem organizado que se reúne sob a "bandeira cristã", entretanto isso não é o essencial. O problema do centro permanece e cai com uma posição indiferente à palavra do pregador do sermão do monte "pocurai em primeiro lugar o reino de Deus" (Mt. 6.33). O comentário à epístola aos Romanos de Barth, escrito de uma maneira quase expressionista, quer chamar atenção justamente para este fato quando diz: "Deus... o sim no nosso não e o não no nosso sim, o primeiro e o último e como tal o desconhecido, mas jamais uma grandeza entre outras na nosso meio ambiente conhecido, Deus — o Senhor, o Criador e o Redentor — isto é o Deus vivo". Talvez seja necessário falar de uma maneira mais clara. Não se pensa aqui num deus qualquer, mas o essencial (Main-point=Head-ship or Head-piece) no trabalho de uma juventude cristã ou juventude da igreja é no verdadeiro sentido da palavra a "cabeça" do corpo, a saber Jesus Cristo (Cl. 1.18). Nêle Deus mostrou a sua face; o trabalho da juventude "cristã" deve deixar transparecer justamente este centro, Jesus. Nêle Deus falou; êle deve falar através dêste trabalho. Em outras palavras: estudo bíblico e devoção deveriam determinar em primeiro lugar o programa. Estes dois fatores não podem ser excluídos nem delegados a outros.

b) *O ponto central.* Fundamental também significa central. Desde o princípio o trabalho da juventude cristã do YMCA tem tido caráter ecumênico. Não perguntava tanto pelo que separa os cristãos mas pelo que os unia. Este fato constituiu o ponto de vista "elementar". Analisando hoje as antigas fórmulas da "base de Paris" à luz da teologia de Barth, elas têm um efeito extremamente moderno. Nelas os jovens reunidos em Paris em 1855 se confessam a "Jesus Cristo como o seu Deus e Salvador segundo a sagrada escritura". Dispensando as heranças da história da teologia do comêço do século XIX, nas quais estas fórmulas estão enraizadas, êsse singelo e sincero testemunho leigo faz compreender o assunto, qual seja a conciliação ecumênica no seu centro e não na periferia. Nos problemas periféricos sempre haverá enormes diferenças. A medida, que jovens cristãos têm o ânimo de observar os anseios do centro espiritual elementar, poderão, embora de uma maneira modesta, contribuir para que o "larger Christ" — como dizia John Mott — se torne uma "realidade maior" para nós, sim para tôda a igreja: "By associating with those to whom Christ is a great reality he may be made more real to us. There are persons whose lives and presence, as well as words, make an atmosphere in which it is much easier to realize Christ and to apprehend his teachings".

2.º — O local de trabalho

a) *Mundanalidade baseada na fé*: Bonhoeffer salientou que “a igreja somente é igreja quando está em função de outros”. Da mesma forma um grupo de juventude cristã não pode cair na tentação de se usufruir espiritualmente a si mesma. O trabalho de uma juventude cristã somente é cristão à medida que se realiza em função de outros; em função dos errantes, dos marginalizados (Lc. 14.23). O seu lugar legítimo é a realidade e a maturidade humana. Ela não pode concentrar-se num setor sacro, sentindo-se realizada entre os seus semelhantes, ao passo que “diante da porta” se apresenta a vida real e onde alguns samaritanos especializados se tornaram funcionários religiosos ocupando-se com massas unidas ou desunidas de marginalizados e afastados. Antes, porém, os jovens cristãos deveriam procurar o filho pródigo, onde quer que se encontre no mundo. A “porta aberta” não basta. O assim chamado movimento deve mobilizar-se em direção àquele que não vem por si e se sente solitário. Em suprema solidariedade com a nova geração no mundo mundano, i.e. na mundanalidade sã a fé somente pode ser facilitada com a anunciação do crucificado: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu filho” (Jo. 3.16). Por isso faremos bem em procurarmos com os irmãos indiferentes um “terceiro local”, “um local de encontro”, para ali debatermos dúvidas e problemas atuais que porventura os atormentam. Pois a fé cristã liberta para a discussão imparcial de problemas seculares. Por isso possuímos também piscinas ou divisões esportivas, cursos de línguas e instituições de ensino, de auxílio para família de prisioneiros de guerra e auxílio para foragidos, resumindo: serviço de educação e serviço social. Tudo isso não se distingue externamente das atividades de uma juventude não cristã. A juventude cristã, no entanto, conhece o amor ao próximo e visa somente o alvo missionário que é um comentário objetivo ao Evangelho, i.e. sem muitas palavras, somente pela ação.

b) *Fraternidade numa sociedade desfraternizada*: Somente podemos dar quando possuímos. Acima de tudo os cristãos não deveriam falar de amor ou procurar demonstrá-lo, se não praticarem este amor nos seus próprios círculos. Este “campo” não pode ser esquecido na determinação dos “campos” e ação da juventude cristã. — Pode-se falar de um mundo que atingiu a maturidade, mas se deve falar também de cristãos (ou igreja) que a atingiram dentro da maturidade humana —. Novamente coube a Bonhoeffer o mérito de lembrar os cristãos do amor mútuo, “Deus não quer ser separado do nosso irmão. Ele não quer ser honrado onde um irmão é desonrado. Ele é o pai. Sim, é o pai de Jesus Cristo que se tornou nosso irmão.” A psicoterapia moderna (Mitscherlich) falou de uma “sociedade sem pai”, em seu lugar recomendou uma sociedade de “irmãos” composta de irmãos e semelhantes; esta sociedade estaria a caminho. Realmente? Não constatamos pelo contrário uma grande falta de fraterni-

dade neste mundo? Cada qual pensa no seu negócio, no seu prestígio social, no seu direito de ser amado. Seria extraordinário, se aqui e ali surgisse um grupo de jovens cristãos engajados na sociedade e procurasse demonstrar sem reivindicação alguma o que o amor fraternal mútuo pode realizar. Esta maneira de "evangelização" exemplar teria hoje uma oportunidade singular. Não há duas realidades. Esta uma realidade, contudo, pode ser interpretada a partir da fé ou a partir da incredulidade. Se os grupos de juventude cristã congregaram jovens que no sentido de Taizé "estão livres para Deus e os homens" e como sinal dessa liberdade se unem em forma de sociedade (ativa), então pode ocorrer que também o jovem proveniente da sociedade industrial moderna, que vem como simples visitante descobre a verdade da palavra de A. de St. Exuperi: "a verdadeira alegria é a alegria no próximo."

3.º — *O objeto do trabalho*

a) *O homem no texto*: Em contraposição ao majestoso falar de Deus de Barth, Bultmann observou: "para falar de Deus deve-se evidentemente falar em si mesmo". Também no serviço cristão da nova geração deve ser considerada esta dimensão atropológica da teologia. Desde há muito acontecia que na preocupação por Deus o homem era negligenciado. Neste sentido devemos ser gratos pelas objeções e críticas da escola bultmaniana. Em ligação a Heidegger tentou-se evitar a separação de sujeito e objeto na exegese da escritura e — dizendo-o de uma maneira provocante — descobriu-se que o homem está contido no texto (como dádiva) e o texto no homem (como incumbência). Focalizemos inicialmente o primeiro ponto. O sueco G. Wengren diz em sua doutrina da prédica: "os homens estão no texto". I.e. não é necessário projetá-los de fora, talvez de hoje e agora para dentro. Já estão dentro. Pois a Bíblia não fala de heróis alienados do mundo, mas de homens reais. A sua existência é a nossa existência. Jacó não é um anjo; também a prostituta Raab não pode ser assim considerada; muito menos os discípulos de Jesus que negam, traem, duvidam e hesitam. A bíblia fala e trata dos personagens da maneira mais humana possível, assim como os homens aqui e agora (here and now). O mesmo acontece com o surgimento dos diversos escritos. A demorada e complicada, mas também interessante história literária do Antigo e do Novo Testamento com as suas diversas fontes e diversos gêneros lê-se como um cativante romance. Acima de tudo valorizaram-se com isto as formas de revelação e de reconhecimento da fé conforme no-las apresentam os textos bíblicos. A esta compreensão chegou-se há poucos decênios, depois que a primeira fase da crítica literária, inicialmente muito acerrada, se acalmou. As diversas fontes literárias do pentateuco e dos evangelhos se tornaram mais humanas (não apenas psicologicamente, mas também existencialmente); tornaram-se mais próximas e com isto teologicamente mais importantes, espiritualmente mais poderosas para

nós, i.e. mais decisivas. Seria lamentável se os nossos dedicados líderes leigos ou os secretários gerais de juventudes de tempo integral não o soubessem. Sem este conhecimento seriam mais pobres. Considero de suma importância que os nossos colaboradores sejam introduzidos nas pesquisas da teologia atual, por exemplo na instrução de líderes. Se isto ocorrer de uma maneira objetiva e cuidadosa, não tendenciosa e superficial, i.e. portanto, obscurecido com isso, mas pelo contrário, será posto a luzir.

b) *O texto no homem*: O fato de os homens já estarem contidos no texto dá a possibilidade ao líder adulto da juventude de compreender estes textos bíblicos. Por outro lado a fórmula "o texto no homem" implica na incumbência de tornar acessível aos jovens o texto compreendido. No entanto, o jovem é um homem. Como, porém, o texto atingirá o homem de hoje? Também neste ponto o trabalho da juventude cristã pode aprender da assim chamada teologia "moderna", tanto de seus sucessos, como de seus erros. Assim será útil a um jovem, no qual despertou o sentido crítico durante a puberdade, se lhe mostrarmos à base dos relatos bíblicos que, na história da ressurreição p. ex., não importa o número de anjos na sepultura ou a côr de suas vestes, i.e., não a decoração "mitológica" atual do relato, mas existencial e importante é o fato de que êle vive, ou seja, a presença de Cristo na nossa realidade. O mesmo acontece com a cruz. E. Kaesemann afirma acertadamente que não basta a simples afirmação da morte na cruz como "acontecimento salvífico"; Cristo geralmente seria "abandonado pelos cristãos". Nós deveríamos aprender a "carregar com êle a cruz". A teologia da cruz deve realmente corresponder uma ética da cruz.

Com tôda razão os representantes da teologia "moderna" exigem uma "nova linguagem" para que o homem atual, o alvo da pregação cristã, possa compreender melhor o objetivo do nosso falar. Sem dúvida, a concepção bíblica do mundo mudou entretantes. Também não é exigido que creiamos simplesmente na bíblia (respectivamente na "letra" da bíblia), mas no próprio Cristo. Por outro lado, tendo igualmente em vista a nova geração, devemos estar atentos para não deturpar o centro da mensagem cristã, quer por exageros bem intencionados, quer por credibilidade científica ou ainda usando mui infantilmente elementos filosóficos. Se p.ex. o evento de Cristo (Christ-event) se dissolve numa simples "relação humana" ("Mitschlichkeit") ou se propagamos unilateralmente como último grito a "teologia-do-Deus-morto", neste ponto a teologia ficaria aguada e se tornaria uma ideologia. Sem dúvida, essas teses acentuam corretamente aspectos parciais, mas não devemos confundir as partes com a totalidade. No que tange ao grande número de termos que a teologia "moderna" aceitou da filosofia existencial seria bom considerar que Heidegger atualmente desempenha o mesmo papel que Aristóteles desempenhou na Idade Média. Surgiu e desapareceu um dia novamente por não ser mais atual. Heidegger descobriu muitos horizontes importantes, mas a sua linguagem, em parte pretenciosamente ele-

vada, impediu a muitos o acesso ao evangelho. Justamente a teologia da "compreensão" (a teologia hermenêutica) tem tanta dificuldade para ser compreensível! Se quisermos confrontar os jovens com ela, geralmente a tradução (ou seja a tradução da mensagem cristã para a linguagem da filosofia existencial, respectivamente da escola de Bultmann) requer novamente uma segunda tradução, ou seja, para a linguagem do homem da rua, sim, para a linguagem da nova geração.

Com isso não queremos difamar aquilo que realmente há de nôvo e bom na teologia atual representada pela interpretação existencial do Novo Testamento. Pelo contrário, o trabalho da juventude cristã poderá aprender muito dela, p. ex. referente ao auxílio a jovens em suas crises de fé motivadas às vezes por textos ou têrmos bíblicos interpretados erroneamente. Além do mais a discussão ainda continua, e será bom ouvir também as críticas de outros teólogos que, de maneira alguma, podem ser taxados de não mais serem "modernos". O líder de jovens cristãos deveria permitir sem medo que os jovens mais velhos participassem dessa discussão. Isso beneficia a autenticidade da relação com Deus mais do que geralmente se pensa. Principalmente duas perguntas fundamentais pairam, portanto, no ar: 1) Que é êsse "provocans", êsse "algo" que originou a mensagem pascoal nos discípulos? A resposta da "importância" da páscoa não basta. Que é então o "acontecimento" pascoal? 2) Qual é a relação entre o relato dos sinóticos sôbre o Jesus "histórico", um "amigo de publicanos e pecadores" (Mt. 11.19), com a teologia da "cruz" em Paulo? Não há entre ambos uma vinculação que deveríamos considerar seriamente e que traria nova luz sôbre ambos os relatos? Dificilmente poderemos aceitar um, refutando necessariamente o outro: o Jesus histórico na realidade é mais do que um simples "próximo" de primeira ordem e a "palavra da cruz" do apóstolo, sem dúvida, não é somente um acréscimo teológico à assim chamada "pura religião original de Jesus". É por assim dizer um teste para determinar o valor de uma teologia moderna o que ela realmente tem a responder aos problemas capitais da juventude moderna, ou seja, se ela ainda tem algo a dizer sôbre o significado do "perdão".

Epílogo: Sintetizando os pensamentos anteriores sôbre o trabalho da juventude cristã, podemos concluir: Não tenhamos medo da teologia, mas coragem de enfrentá-la. O líder de amanhã não se deveria apegar simplesmente à teologia atual, notadamente à assim chamada teologia "moderna", antes, porém, deveria procurar aprender dela, aceitando aquilo que lhe será útil no trabalho com os jovens. Nisso, sem dúvida, serão importantes os "métodos de trabalho", onde importa que se continue o esforço profundo e criador. Neste ponto também será necessária a "teologia leiga" dos não-teólogos e não-secretários-gerais, justamente por surgirem problemas de outros campos, ou seja, da pedagogia, psicologia, sociologia, política e economia. Ao que parece, não mais podemos confrontar atualmente a nova geração com a

mensagem somente através das prédicas nas igrejas ou evangelizações públicas — embora ainda sejam necessárias hoje —, mas devemos procurar um “desvio” através da “discussão” de problemas atuais em grupos menores (15 pessoas) ou através do “diálogo” poimênico individual, pois o jovem em meio à massa anseia por debate e conselho. Nisso o pensamento de Tillich sobre a correlação poderá ser útil, se formos intimados por êle a levar a sério as verdadeiras e não assumptas perguntas do homem. “Deus responde as perguntas do homem e, sob a impressão das respostas de Deus, o homem faz as suas perguntas... Se entendermos o mêdo como sendo o momento em que percebemos a nossa transitoriedade, então Deus deve ser a base infinita da coragem, etc.” Além disso será necessário levar em conta hoje mais do que antigamente no trabalho da juventude e relação entre a palavra e o status quo, entre o evangelho eterno e a situação concreta. A época das normas estáticas e eternas passou. Necessitamos uma *ética de situação*, que toma em consideração tanto a situação histórica em geral, como a situação concreta da pessoa atingida em especial. Os mandamentos divinos são como uma “agulha magnética”; geralmente só indicam a direção, na qual devemos seguir. Em outras palavras: o trabalho da juventude cristã deve ajudar cada jovem a encontrar ao menos uma “linha de ação” (“Fahrtrinne” — Thieliçke) em meio ao emaranhado e perigoso mar da vida. Finalmente queremos acentuar um último ponto. Precisamos redescobrir atualmente a “educação” no trabalho da juventude cristã. Entrementes aconteceu tanta coisa nova e revolucionária na pedagogia que urge tirar daí as conseqüências para a teologia de um lado, e para o trabalho da juventude por outro lado: onde termina a educação (education), onde inicia a pregação (evangelista) e vice-versa? De que maneira poderão ser ambas combinadas fundamental e praticamente? Estas são as perguntas que esperam agora mais do que nunca por uma solução. Com isso estamos no fim de nossas reflexões.

No final da peça “Sweet Bird of Youth” do dramaturgo americano Tennessee Williams o playboy Chance, o qual segue de hotel a hotel acompanhado de uma atriz que está envelhecendo, grita desesperado para a platéia: “Não quero a vossa compaixão, quero só a vossa compreensão; não, nem quero isso. Só quero que reconheceis em mim a vós mesmos e o inimigo, o tempo, em todos nós.” A teologia “moderna” quer colaborar por sua parte para uma tal autocompreensão, i.e. para uma autocompreensão radical na fé. Nesse sentido ela poderá ser útil a um trabalho da juventude cristã de hoje que não procura outra coisa a não ser isso: servir ao jovem.

Tradução: Darci Drehmer, Martin Volkmann e Ingo Wulfhorst

Literatura: Detalhes mais específicos sobre as reflexões acima expostas poderão ser encontrados nas seguintes obras do autor:

Jentsch, W. — Handbuch der Jugendseelsorge, vol. I (Theologie), 1965 págs. 459-520; vol. II (Theologie), 1963 págs. 161ss; 210 ss.

Vielfalt und Einfalt (Eine oekumenische Besinnung), 1966 pág. 88 ss, principalmente pág. 102 s.